

## INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SARAH KUBITSCHKEK. ONTEM, HOJE E SEMPRE!?

**Luiz Fernandes da Costa**

*Faculdade Machado de Assis / e-mail: [luiz.fernandes2008@hotmail.com](mailto:luiz.fernandes2008@hotmail.com)*

**GT 3 – História da Educação**

### **Resumo**

Desde 1835 a Escola Normal ocupa lugar de destaque na educação. No Rio de Janeiro foi criada a primeira Escola Normal em Niterói. Em 1880 o Distrito Federal recebe sua Escola Normal. Em 1959 foi inaugurada a Escola Normal Sarah Kubitschek (ENSK), nas dependências de uma Escola Municipal. Em 1960 recebe sua primeira sede. E em 1974 foi inaugurada sua sede definitiva pelo Governador Chagas Freitas. Na década de 1970, passa a ser denominado por Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK), contando com um grande número de ex-alunos que lecionam na região. Nos anos 90 tem uma expansão recorde no número de vagas e em 2000 alcança o ápice de 7.281 alunos. A falta de registros dificulta a consolidação da memória institucional (documentos anteriores aos anos 2000 foram queimados). Esse resgate foi possível a partir de relatos de ex-alunos e ex-professores (participaram nove ex-alunos, alguns desses professores nos dias atuais, que estudaram em tempos diferentes, e uma inspetora dos anos 80), que lembraram entre outros aspectos, o comprometimento dos alunos que ingressaram no Instituto através de concurso nas décadas de 1970/1980. Buscou-se triangular os dados coletados, e como resultado, verificou-se que o curso Normal oferecido atualmente não prepara os futuros professores para exercer atividade docente. Os participantes compararam passado/presente como uma estrutura que vai morrendo aos poucos. Também apontam como retrocesso a falta de prova de seleção, o que contribui para aceitação de alunos que não têm compromisso com a profissão. Assim o presente artigo pretende situar o IESK na História da Educação brasileira. E para tal realização adotou-se como metodologia a História Oral, a partir da qual o autor desse artigo, ex-professor do instituto, pôde reconstruir parte da história desse *locus* educacional através de entrevistas gravadas com testemunhos vividos pelos depoentes assim como documentos apresentados que permitem conhecer diferentes momentos do cotidiano da instituição.

Palavras-chave: Escola Normal – História – Memória.

## **Introdução**

Contar uma história nos remete a trazer o passado de volta. Esse conto assume maior responsabilidade porque está fragmentado nas testemunhas que assistiram, participaram e interferiram no percurso da história, fazendo que ela chegasse aos nossos dias com um enredo que é a representação da memória. Assim o autor do presente artigo, ex-professor do instituto, pretende situar o IESK na História da Educação brasileira. E para esse alcance buscou agregar informações sobre a história do instituto e documentos com as narrativas de figurantes da época, o que se fez utilizando a metodologia da História Oral. Procurou-se por meio dos relatos, alcançar lembranças pessoais, cruzando-os. Foram encontradas dez pessoas, sendo nove ex-alunos e uma inspetora aposentada do Instituto. Esses ex-alunos estavam matriculados em anos diferentes (um em 1959, um em 1960, um em 1963, um em 1965, dois em 1972, um em 1974, um em 1985 e um de 1998). A inspetora se aposentou na década de 80. O autor realizou entrevistas individuais com cada um deles, deixando-os falar à vontade.

Segundo Rizzini, Castro e Sartor (1999) o estar face a face possibilita o aproveitamento de perguntas e de respostas e pode estabelecer laços de solidariedade. Essas entrevistas se transformaram em conversa e focalizaram as lembranças vividas por cada um dos alunos. Enquanto falavam sobre a instituição, permitiam entrever que eram também suas histórias. Ferraroti (1993, p.183) considera que:

todas las vidas individuales, son documentos de una humanidad más amplia con sus discontinuidades históricas. El hilo que une estos mosaicos biográficos, singulares, colectivos, em sus diferentes perspectiva, es la articulación del tiempo recogida em su doble aspecto de experiência individual y coletiva, de los momentos que se integram reciprocamente.

Nessas narrativas foram consideradas, como defende Portelli (1997, p.17), “versões dos fatos, pressupondo a existência de lacunas espaciais e temporais e aceitando a subjetividade implícita no relato, tanto da parte do narrador, quanto do pesquisador que procede a coleta”. Os relatos foram recheados de emoções, mesclando pessoal e coletivo. Os narradores compararam passado e presente e definiram o Instituto como uma estrutura que vai se desfazendo, morrendo aos poucos, como o próprio Curso Normal Médio no Brasil. Apontaram como retrocesso a falta de prova de seleção para novos alunos, que permite aceitar alunos que não têm compromisso com a profissão, o que já haviam constatado Reis (2002) e Rabelo (2003).

## O Instituto Sarah Kubitschek

Tudo começa na década de 50 do século XX e em Campo Grande (Rio de Janeiro), que figurava como região progressista e já contava com um passado glorioso. Esse progresso é percebido com mais intensidade a partir da inauguração de sua estação ferroviária em 1878. Essa região agrícola nos anos 40 tinha uma produção de laranjas que superava a de outros produtores da cidade e ficou conhecida como Citrolândia, devido à fertilidade de suas terras e de sua extensão territorial. Os anos 50 são o marco de luta pela educação na região, em busca do atendimento escolar, que se agravava pela dificuldade de acesso de professores, que precisavam transpor cerca de 60 quilômetros e que contavam com escassa condução disponibilizada. Nessa ocasião, o vereador Miécimo da Silva encaminhou um projeto para a criação de uma escola normal, que se transformou no Projeto-Lei n. 906, e foi oficializado na Câmara em 16/12/1957, criando a Escola Normal de Campo Grande. Em 03/05/1959, a escola é inaugurada sem ter sido concluída a construção do prédio que seria sua sede. A escola recebe o nome de Escola Normal Sarah Kubitschek (ENSK), uma homenagem à primeira dama brasileira, e passa a funcionar em salas da Escola Municipal Venezuela.

A ENSK surge no fim da Reforma Capanema. Segundo Zotti (2004) a promulgação aconteceu em 09/04/1942. Essa reforma organizou o ensino secundário, ignorando a Escola Normal como uma das agências formadoras em nível secundário. Coutinho (2007) comenta que a recondução dessa modalidade de ensino se deu a partir do Decreto n. 7491 de março de 1943. Nos anos de 1960, segundo as professoras que atuaram nessa época, o governador Carlos Lacerda organizou a educação no Estado da Guanabara de forma consistente. Conforme mostra Coutinho (2007), o número de salas de aula aumentou em cerca de 50%, foram criados três horários diurnos de atendimento aos alunos e extinta a folga única. A expansão, tal como planejada, exigiu o retorno de professores cedidos a outros departamentos, e a efetivação dos recém-formados e normalistas da 3ª série. Uma ex-aluna que ingressou no ano de inauguração da escola relata que:

No primeiro concurso (para inaugurar a escola normal), as vagas foram disponibilizadas só para o sexo feminino. O curso foi inaugurado com apenas cinco turmas, resultado de uma competição ferrenha com aprovação de mais ou menos 10% dos postulantes as vagas. Seu primeiro diretor foi o professor Niel Aquino (gaúcho) que implementou muitas festas à moda da Região Sul dentro da escola.

Em agosto de 1960, surge a sede da ENSK, na Rua Augusto de Vasconcelos, n. 212. Nesse espaço passou a funcionar o curso normal e o jardim de infância experimental. O segundo diretor foi à professora Sol Garson Passi e para ela as

alunas criaram um mote: “Era Niel, agora é Sol, querendo fazer farol”. Quem se lembra disto é uma ex-aluna, que canta uma composição musical recheada de críticas às mudanças ocorridas na escola, destacando a figura de uma inspetora:

Tem gente boa, tem gente à toa, às vezes tem rifili  
Pra começar vamos falar dos bofes que existem aqui...  
A dona Leda sarapintada com manias de Rosseau  
Vai chateando, vai chacoalhando, manda ela fazer tricô....  
Pra terminar vamos falar daqueles tempos tão bons  
Com Paiva Belo, Tito e Pedrinha, Colleta e “guachão”.

A mesma aluna canta outra música enaltecendo a figura da normalista:

Era uma vez uma linda normalista, que queria  
que queria se casar  
Saiu voando procurando um candango  
Esse candango está difícil de achar  
Quem quer casar com a linda normalista  
É bonitinha e vai logo se formar  
E também tem dinheiro com Lacerda  
Que gosta muito de dançar o tchá, tchá, tchá

Ela lembra, também, a estrutura do curso naquela época: “Não faltavam atividades para as normalistas; a complementação envolvia conhecer muitas coisas como puericultura, curso de bibliotecária, curso de primeiros socorros, sessão de Literatura (curso de um mês) com o professor Pedrinha”. Conta que:

O orfeão do IESK já cantou no teatro municipal. As primeiras formaturas das normalistas reuniam todas as formandas do Estado da Guanabara em uma mesma festa. Nos concursos seguintes, foi admitida a participação do masculino. Era um curso com garantia de empregabilidade. Ainda cursando o 3º ano, os alunos assumiam turmas e usavam o mesmo uniforme que os professores titulares. A professora Odete usou blusa rosa e saia cinza. O uniforme mudava ao início de cada ano. E mais, ao fim do curso eram efetivados como funcionários públicos, considerando-se inclusive o tempo que lecionou paralelamente ao curso normal. A escola apresentava trabalhos no teatro Arthur Azevedo. Nessa época o Sarah funcionava no prédio onde hoje é ocupado pelo Banco Bradesco e era administrado pela professora Sol. Interessante era a festa do Adeus, muito bonita, acontecia na atual quadra de esporte do IESK.

Na estrutura do curso fica perpetuada a diferença em relação a outras modalidades de ensino. A ex-aluna narra que:

As turmas eram divididas em grupos de cinco alunos cada. Ficávamos durante algum tempo observando as aulas e seus professores. Dentre as escolas que visitamos figuravam as escolas Professor Gonçalves e Cócio Barcelos. Também dávamos aulas para nossos professores os quais nos avaliavam. A escola Guatemala, no bairro de Fátima, era experimental. Esta escola fazia projetos, desenvolvia métodos e trazia experiências educacionais de outros países para testar no estado da

Guanabara. A escola era um espaço atrativo e recebia muitas visitas de escritores, atores...

Outra ex-aluna, hoje professora aposentada do Instituto revela que:

Em 1963 os formandos tiveram a festa de formatura junto com outras escolas do Estado da Guanabara, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ), a Escola Normal Carmela Dutra (ENCD), a Escola Normal Júlia Kubitschek (ENJK) e o Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK). Na época, o governo estava nas mãos do Sr. Carlos Lacerda. A formatura aconteceu no Estádio Mário Filho, Maracanãzinho. Depois os formandos tiraram fotografias na escadaria do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, na Rua Mariz e Barros, na Tijuca.

Ainda nos anos 60, o prédio da Rua Augusto Vasconcelos não comportava o crescimento da instituição, o que mobilizou o governo a procurar outro espaço. Um projeto grandioso foi arquitetado, mas faltavam recursos para sua construção. Após 12 anos, ao assumir o governo do Estado da Guanabara, Chagas Freitas concluiu a obra, pois a defendera quando era Deputado Federal. Atualmente o prédio se localiza a Avenida Manoel Caldeira de Alvarenga, n 1203, Campo Grande. Aos 14 dias de outubro de 1974, o gigante que nasceu com 44 000 m<sup>2</sup>, foi consagrado por Chagas Freitas como Instituto de Educação de Campo Grande (IECG). Ali funcionava a ENSK e duas escolas de aplicação, uma de educação infantil e a outra de ensino fundamental (1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série). A primeira diretora nessa etapa foi Dayse Alvarenga. Uma ex-aluna conta o que vivenciou:

Fui formada em 1974 no curso normal do IESK, com duração de três anos. Na época, o terreno do IESK ainda era maior, 44 000 m<sup>2</sup>. A parte em que hoje está construído o CIEP Mário Quintana era o heliporto do governador Chagas Freitas. O governador descia frequentemente de helicóptero no IESK. A diretora da época, professora Dayse Alvarenga era comadre do governador, o que facilitava o atendimento às necessidades da escola.

Outra lembra que o governador participou de almoço com os professores.

A formatura de 1974 dos alunos do IESK (na época era Instituto de Educação de Campo Grande) foi no Teatro Municipal da cidade (Avenida Rio Branco). Depois o baile aconteceu no Clube Monte Líbano, (Zona Sul da cidade).

Em 1990, sendo diretor José Lopes (professor de Música), a escola assumiu nova performance. Ele construiu uma casa no terreno da escola e estabeleceu o atendimento médico aos alunos. Enfermeiros tiravam plantão e médicos complementavam o atendimento aos estudantes. A professora prossegue:

Aos domingos o diretor José Lopes se transformava em jardineiro e cuidava do embelezamento do Instituto. O prédio da educação infantil era horrível. Os diretores, um a um, foram melhorando a construção. Por fim o prédio ficou muito bonito e o ensino de Educação Infantil se transformou em referência e modelo na região para as escolas dessa modalidade. A única linha de ônibus que se aproximava do IESK era a de n. 815. Inicialmente, o ponto final era em frente



à Companhia de Limpeza Urbana (COMLURB), depois passou para a praça em frente ao Centro Interescolar Miécimo da Silva (construído na parte cedida do terreno do IESK). No 3º andar não ficava só o restaurante, era também o espaço de eventos.

O restaurante do 3º andar era um espetáculo. As mesas eram colocadas de forma que os clientes observaram todo o entorno ao IESK. A vista era muito bonita. Ainda tinha o solário que permitia as pessoas olharem tudo da parte externa do edifício. Era todo azulejado na cor amarela, a comida era paga, de boa qualidade e havia separação da parte onde ficavam os alunos e da dos professores. A sala de arte era um espetáculo. Hoje é a sala de professores. É cheia de armários com portas de madeira (que correm). Com certeza cabia muito do que era produzido.

Após a gestão do prof. José Lopes a casa ficou desativada até o ano de 1997. Em 1998, a professoranda Gizelda ocupou o espaço com um projeto de culinária de sua autoria, permanecendo nele até 2001. Como ela mesma relata:

Desenvolvi um trabalho voluntário no instituto. Era um curso profissionalizante com noções de higiene pessoal e ambiental. Ministrava aulas de resgate de autoestima. Eram aulas práticas. Nelas, confeccionávamos bolos, tortas, doces e salgados. Enquanto produzíamos nosso trabalho íamos ensinando a conservar, reaproveitar, congelar e vender alimentos. Proporcionávamos uma profissão a menores, muitas vezes, moradores de comunidades carentes. Todas as aulas eram presenciais e as turmas eram ecléticas (alunos, comunidade escolar, comunidade do entorno). A atividade era intensa. Funcionava de segunda a sábado – manhã e tarde. A atividade alcançava cerca de 200 alunos por mês. Não esperava que tal atividade ganhasse projeção na mídia, mas aconteceu. Sabe como? Eu observava uma senhora que diariamente trazia o filho (portador de necessidade especial) para a aula na escola de aplicação. Ela o aguardava até o final da aula em frente à casa onde eu ministrava o curso, na praça Dayse Caldeira de Alvarenga. Certo dia, perguntei se ela gostaria de fazer biscoitos para o filho, enquanto ele estudava. Animei-a com a informação, de que eu tinha o material e o patrocínio. Bastava colocar a mão na massa. Prontamente aquela senhora aceitou, mas depois me questionou se eu poderia dar uma entrevista para a sua filha. Aceitei prontamente, porém pensei se tratar de um trabalho escolar. No entanto era algo mais abrangente. Tratava-se do Jornal Extra. Recebi-a com prazer e ofereci-lhe como cortesia um bolo que tinha feito. E as perguntas continuaram “Quem fez esse bolo?”, “De quem é essa receita?” Respondi que fui eu mesma que fez o bolo e que a receita era de minha autoria. Mais uma vez aturdida perguntou, “Mas a senhora costuma fazer receitas?” Respondi que sim. Essa entrevista me rendeu quatro anos de trabalho e dois livros de receitas de culinária pela Editora Globo.

Um professor, ex-aluno do curso ginásial, também se recorda que se apaixonou pelo IESK, apesar de não ter feito o curso normal oferecido pela Instituição. Este professor organizou o grupo que se designa “amigos do Sarah” e o site Amigosdosarah.com. O primeiro encontro desse grupo foi em um restaurante, em 2007, seguido de mais outros dois. O grupo conta hoje com 97 pessoas: ex-alunos, ex-professores, ex-inspetores e ex-diretores. Esse professor conta que uma ex-aluna de seu tempo faz parte dos “amigos do Sarah” e acompanha todas as atividades do grupo pela Internet, pois mora em Xangai, na China. O grupo busca sintonia com o passado pela janela da memória e contribui com outras informações advindas de suas lembranças. Segundo ele, as aulas aconteciam a partir das

7h30min, com duração de 45 minutos cada uma, e terminava às 12h30 min. Na época, a indústria Skawagima (fabricante de peças de navios), que gerava muitos empregos na região, era separada do Sarah apenas por um muro. Ao meio dia, a sirene da indústria soava, os alunos se alegravam, pois estava próximo do fim da aula. A seguir, um som de piano vindo da indústria invadia as salas de aula e chegava também o cheiro de comida. O professor lembra-se do uniforme: “A blusa era dentro da saia quando o uniforme era o oficial. A saia era quatro dedos acima do joelho. Uma inspetora verificava tudo diariamente”. Já a inspetora, aposentada na década de 80, relata que: “Uma das maiores referências da instituição era a Festa do Folclore. A festa de 1975 foi uma beleza. Vinha muita gente de várias partes da cidade”. Já uma professora que leciona Matemática no IESK comentou que, ao ocupar o novo prédio, por admitir outras modalidades de ensino, a administração da ENSK ficou centrada no Instituto de Educação de Campo Grande (IECG), pois era uma das escolas pertencentes ao grupo.

Em 1974, o Instituto de Educação de Campo Grande foi destaque no jornal O Globo, que chamou o instituto de maior escola da América Latina, uma instituição modelo. Dois documentos apresentados pela professora dão pistas da passagem para a designação de Instituto de Educação Sarah Kubitschek: o Ofício n.116 (12-09-1977) - Gabinete do Prefeito – agradecendo a Elias Frazão, diretor do Instituto de Educação de Campo Grande, pela participação na Corrida do Fogo Simbólico; o Ofício Circular Interno de 31 de agosto de 1978, em agradecimento ao professor Geraldo Telles do Amaral pela aplicação das provas de ingresso de novos alunos. No cabeçalho consta Instituto de Educação Sarah Kubitschek. No novo prédio, o IESK desfrutava de um crescimento vertiginoso, um recorde de atendimento de matrículas na Zona Oeste. O ápice desse crescimento aconteceu no ano de 2000, com a marca de 7281 alunos matriculados.

Mas a discussão da Lei de Diretrizes e Bases Lei n. 9394/96 gerou muitas dúvidas sobre a continuidade do curso de formação de professores em nível médio. Em 2001, a nova direção, convencida de que o fim estava chegando, passou a limitar o número de vagas de alunos. Com isso, metade do corpo docente foi transferida para outras escolas. Os critérios de permanência não eram transparentes. O instituto estava morrendo. Os projetos foram desaparecendo e a Semana do Normalista – tradição de comemorações - se transformou em data simbólica. O que parecia ser o fim, ainda reservava um novo impacto. Entre mortos e feridos, os professores foram atingidos no fim de 2003 por uma informação estarrecedora: seriam despejados de seu castelo para ceder espaço para a

Universidade Estadual da Zona Oeste (UEZO). Queriam tanto a Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e agora ela chegaria administrando a UEZO. E eles, para onde iriam? Assim, em 2004 a UEZO florescia ao passo que o IESK murchava. O número de matrículas reduzia o que ocasionou a transferência de professores para outras unidades escolares. A biblioteca, espaço de privilégio no IESK, deixou de funcionar até se organizar em outro espaço. Quanto aos auditórios (já que haviam dois) foi solicitado o melhor deles pela UEZO, o que foi concedido, agregando-o às salas do 2º e 3º andares e ao Espaço Cultural Arnaldo Niskier, reservado a exposição de artes do instituto. Todos eram pertencentes ao IESK. O gigante fôra mutilado. Esses fatos começaram a ofuscar o cotidiano do instituto.

Em busca de novos elementos da história, foram verificados diários de classe, o censo escolar, caderneta escolar e registros na biblioteca. Também foram solicitadas fotos de ex-alunos, que possibilitaram leituras sobre o cumprimento das normas, realização de projetos e sentimento de pertença. Foi possível perceber, nas fotografias, alunos utilizando o uniforme como um diferencial, *status* na região. As medidas de saias, blusas e outros adereços tinham o seu lugar determinado. Esses distintivos davam aos alunos a ideia de patentes: mais estrelas, mais brilho. Passou a fazer parte da rotina, as idas e vindas de alunos, que saíam para o centro da cidade do Rio de Janeiro, para participar de atividades culturais e militares, através dos pelotões, banda marcial, coral e bandeira do IESK. Além do uniforme, o logotipo e um prédio em forma de nave dão-lhe especial destaque. Tais experiências forjam um simbolismo próprio: a convicção de que era o lugar ideal para preparar educadores e colaborar com o crescimento da nação. Os professores e funcionários relatam esses fatos como vanglória para o Instituto e para eles mesmos. A naturalidade com que transcorriam os fatos não despertou o interesse em documentá-los para o legado histórico. Assim, a biblioteca não contava com informações seguras. O que havia de mais próximo foi elaborado nos anos 90 por um aluno, com documentos emprestados pela comadre do Presidente da República Juscelino Kubitschek, ex-diretora do instituto, Profª Ieda Thomé. A história do IESK é multiforme. Ela reside em cada pessoa que por ele passa, pelo prédio futurista, pelos troféus dos tempos áureos arrumados no gabinete da direção. A piscina, a Ponte IESK, com seu acervo midiático, a biblioteca com vinte mil volumes e um elevador revelam um progresso ainda não alcançado pelas escolas da região.

As mudanças ficam por conta do humano, que vão apagando lentamente o perfil desejado dos alunos. Há um descontentamento no uso do uniforme tal como se exige. Ao sair do Instituto, há alunos que modificam a indumentária escolar. O



vocabulário recheado de palavras torpes, além de outras ações de conduta que não faziam parte do cotidiano dos professorandos é verificado continuamente. Enquanto houve concurso, os jovens estudantes gozavam de uma liberdade sem excessos. Atender às regras não era sacrifício. Agora, os alunos desfilam pelos corredores com cabelos multicoloridos, as alunas excessivamente maquiadas. A leitura de beleza sobre a normalista mudou de foco. Ao retirar o concurso de admissão, o governo prejudicou a Escola Normal. Parte dos alunos que nela estudam não deseja ser professor. Percebe-se que essa medida colaborou com o crescimento de matrículas para o sexo masculino.

Por ocasião da construção do Projeto da Década da Educação (PDE), que disponibilizou 11 vagas para delegados da Zona Oeste, a nova direção do Instituto se fez representar de forma a garantir seis vagas. Apesar disso, na reunião de 25/10/2007 no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho em (Niterói), o Curso Normal não foi incluído na minuta para discussão. Para pesquisar os diários de classe, foi visitada a sala da Equipe Técnico-Pedagógica (ETP), responsável pela guarda dos registros escolares. Martín e Pórlan (1997) concebem o diário de classe como um instrumento que permite o professor construir, transformar e reconstruir sua prática. Ocorre que, ao buscar selecionar diários para o resgate histórico, encontram-se apenas os de 2000 em diante. Segundo o responsável pelo setor, os anteriores foram incinerados. Assim foram verificados os diários no período de 2000 a 2008. Quanto aos documentos, da década de 80, foi encontrada uma revista de circulação interna produzida pela diretora geral, Prof<sup>a</sup> Daisy Azeredo de Alvarenga Menezes, que administrou o Instituto a partir de 1974 e que detalhava todo o seu funcionamento. Foi impresso pela Átomo Produções Artísticas Ltda, Rio de Janeiro, sob o título “Instituto de Educação Sarah Kubitschek sua estrutura”. Nela foram organizadas na forma de estatuto, as orientações para atuação das categorias de servidores. Na abertura está exarada a Resolução de nº 20 de 22 de agosto de 1970, que delega ao diretor geral do Instituto a responsabilidade do Núcleo Comunitário de Educação Cultura e Trabalho (NCECT – 08), composto por quatro colégios de 2º grau e 40 escolas supletivas, todas da região. A história do IESK permanece forte no imaginário social, de tal forma que o declínio dos últimos anos promovido pela política educacional não afetou a credibilidade e seriedade do trabalho ali realizado. Ainda é a escola do sonho de muitos. Em 2009, dos quase 7000 alunos que buscaram vaga nessa instituição, 800 foram atendidos.

Mas 2010, um ano após o cinquentenário do Instituto, ocorreram novas mudanças no curso. O ano letivo foi iniciado com a informação de uma nova

matriz curricular de três anos de duração. Na 1ª série, além das aulas, o aluno tem atividades no contra turno em pelo menos um dia. A nova matriz inaugura o ano de 2010 sob o título “Curso de Formação de professores”, modalidade normal em nível médio” – Diário Oficial (DO, n.60) de 05 de abril de 2010. O novo modelo volta a ser realizado em três anos, mas a carga horária foi ampliada de forma a garantir maior atendimento, tanto na formação geral como na formação profissionalizante. Esse acréscimo foi dividido pelas três séries, com 30 tempos/semana em um turno, além de aulas no contraturno.

A parte diversificada também foi contemplada, o que possibilitou a formação para a educação inclusiva, por meio da disciplina Conhecimentos Didáticos e Pedagógicos em Educação Especial. Acrescenta-se a isso a organização de laboratórios pedagógicos em todas as séries do curso. Enquanto uma nova luz parecia se dirigir à Escola Normal Fluminense, em Brasília tramitava o projeto Lei da Câmara (PLC 280/2009), com o objetivo de rever artigos da LDB n. 9394/96. Tencionava-se colocar o nível superior como a formação mínima para todos os professores. O fim da discussão se dá com a emenda substitutiva nº 01- CE, de 06 de julho de 2010, com aceite integral do artigo 62 da LDB 9394/96, que considera a formação mínima do professor em nível médio. Porém todo o esforço da Legislação nas diferentes esferas públicas, que parecia garantir a formação mínima, ministrada nas Escolas do Curso Normal do Rio de Janeiro, em 2011 foi colocado em xeque, o que causou surpresa. Principalmente diante do bom andamento e atualização curricular desse *locus* formador em suas 96 escolas e 40.000 professorandos. Estaríamos, mais uma vez, diante do fim dessa modalidade de ensino? A conquista parece não depreender um reconhecimento de direito, o que se constata a partir do lançamento do edital do Serviço Municipal de Administração (SMA) de n. 137 (17-08-2011) para provisão do quadro de professores da cidade do Rio de Janeiro, que exigiu para seleção de professor II (formação em nível médio) a titulação de nível superior. Tal realização provocou, mais uma vez, dúvidas sobre a funcionalidade do curso Normal, “Formar professores II para quê (ou para quem)?” Orientados por docentes deste estabelecimento, muitos formandos de 2011 se inscreveram no concurso, enquanto que no IESK foi organizado um documento evocando a legalidade do curso. Os questionamentos da equipe ganham força e legitimidade a partir do documento produzido por Francisco Gomes Junior, professor de Geografia. Esse docente, apoiando-se em diferentes legislações públicas de municípios fluminenses, solicitou o deferimento de retificação de qualidade mínima exigida para o cargo permanente de professor II. Dentre os documentos, foi evocada a legalidade do artigo 62 da LDB 9394/96, a PLC 280 e o edital de

convocação municipal nº 88/2011, quando foram admitidos professores em nível médio. Tal contestação contribuiu para a revisão da proposta do edital. Posteriormente a SMA retificou o edital, porém as dúvidas não foram dirimidas. Essa circunstância levou os docentes da instituição a uma reflexão mais profunda sobre a profissionalização.

Em 15 de outubro de 2010, Ieda Thomé, Ex-diretora do instituto, reúne, em uma confraternização no Luso Brasileiro Tênis Clube, 140 pessoas da comunidade escolar (professores, coordenadores e funcionários – muitos já aposentados). Em discurso de abertura da solenidade, o seu tom de voz muda ao refletir sobre o Sarah Kubitschek dos dias atuais, com as seguintes questões:

O IESK (aquele) que infelizmente não é mais o mesmo nos dias atuais deixou dentro de nós uma prova muito grande de amor e de carinho. E é essa união que procurei implantar durante 5,5 anos de gestão. As festas que organizei no Sarah eram para todos (serventes, merendeiras, inspetores). Não fazia acepção de ninguém.

Mas uma vez a sua voz se torna amarga na seguinte colocação:

Cadê o pré-escolar? O prédio está empilhado de livros do chão até o teto, e o 1º ano não existe mais. Isso me deixa profundamente triste. Se eu pudesse levaria com vocês a assinatura de todos os moradores da região à Brasília. Uma petição ao Presidente da República, esclarecendo que o Sarah é uma escola diferente. O funcionamento concomitante do IESK com a UEZO está descaracterizando o Sarah. Uma escola de formação de professores, que vai trabalhar com alunos do 1º ao 5º ano, não pode ficar sem esse nível de ensino. Nós precisamos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental para os nossos alunos estagiarem. Essa reunião é festiva, mas também é o momento de abraçarmos a causa e defesa do Instituto.

### **Conclusões:**

As primeiras gerações de professores formados pelo Instituto de Educação colaboram com sua permanência no *podium* educacional da Zona Oeste, o que é facilitado, principalmente, por ser o único na região que forma professores em nível médio. A memória social está arraigada de valores, anualmente alimentadas pelos encontros e por contatos online dos ex-alunos. Esses presentificam o passado, recordando no coletivo os tempos áureos e o sucesso de suas escolhas. A partir da década de 90 do Século XX, o quadro começa a mudar. O que é percebido, pelo menos no grupo “amigosdosarah”. Esse fato ganha notoriedade, pois concorre com o crescente desprestígio da profissão, como os baixos salários, sobrecarga de trabalho e enfraquecimento da representação sindical da categoria. Os formandos passam a buscar novas oportunidades de trabalho, pois apenas um número reduzido consegue permanecer na profissão. Por conta da desvalorização profissional ocorrem mudanças na relação professor-aluno e aluno-professor. A Semana do Normalista, de valorização do aluno-aprendiz, deixa de ser um símbolo de importância desse futuro

profissional e seu papel na educação. Da parte dos professorandos, destaca-se a perda do encanto profissional, o que se reflete na relação com os seus mestres. Com isso desaparece o Dia do Mestre, comemoração que era consagrada na instituição. O professor passou a ser visto como um profissional descompromissado, nem sempre tratado com o devido respeito por aqueles que lhe sucederão. O modelo de formação foi diluído. A interpretação equivocada da Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96 colaborou para o desaparecimento do material didático específico para essa modalidade de ensino assim como a mudança de concepção dos professores formadores sobre a formação oferecida. É o que se constata nos argumentos dos professores de disciplinas nucleares, para os quais se deve preparar os alunos para os vestibulares, deixando a formação profissionalizante para professores de disciplinas afins, como Didática, Práticas e Estágios. Enfim, o que se perpetua como positivo é a memória social, arraigada de valores, anualmente alimentadas pelos encontros e por contatos online dos ex-alunos, o uniforme e o prédio em forma de nave. As primeiras gerações de alunos presentificam o passado, recordando no coletivo os tempos áureos e o sucesso de suas escolhas. Já as últimas gerações, no entanto, se fragmentaram e por isso não celebram suas formações. Esses são os dias do Instituto.

## Referências

ABREU, M. A. Evolução Urbana do Rio de Janeiro, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, SMU/Iplanrio, 3ª edição, 1997.

BRASIL, Projeto de Lei da Câmara nº 280, de 2009. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/93986>. Acesso em 10/04/2017. \_\_\_\_\_ . LDB 9394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 13/08/08.

COUTINHO, M. A. G. C. As professoras primárias da Guanabara de Lacerda. *Eccos*. Revista Científica, v.9, p.135-156, 2007.

FERRAROTTI, F. Industrialización e Historias de Vida. Revista Historia y Fuente Oral, n.º 09, Barcelona: Universidad de Barcelona, 1.993.

MARTÍN, J.; PORLÁN, R. A. *El diario del profesor*. Un recurso para la docência. Sevilla, Díada, 1997.

PORTELLI, A. O Que Faz A História Oral Diferente. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, n.º 14, São Paulo, 1.997.

RIO DE JANEIRO. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro-Poder Executivo, ano XXXVI, n. 60, Parte I, 19 p, 2010.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Educação – Documento norteador das discussões sobre a Construção da Minuta do Plano Estadual de Educação, RJ,

2007. Disponível em: [http://www.educacao.rj.gov.br/arq\\_pdf/pee/Caderno%20Documento-guia\\_vers%C3%A3o%20preliminar.pdf](http://www.educacao.rj.gov.br/arq_pdf/pee/Caderno%20Documento-guia_vers%C3%A3o%20preliminar.pdf). Acesso em 09/09/2010.

\_\_\_\_\_. Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto\\_de\\_educacao\\_Professor\\_Ismael\\_Coutinho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_de_educacao_Professor_Ismael_Coutinho). Acesso em 20/02/2011.

\_\_\_\_\_. [http://fjg.rio.rj.gov.br/publique/media/EDITAL\\_REGULAM\\_PROFESSOR\\_II\\_2011.pdf](http://fjg.rio.rj.gov.br/publique/media/EDITAL_REGULAM_PROFESSOR_II_2011.pdf) - acesso em 25/11/2011.

RIZZINI, I.; CASTRO, M. R.; SANTOS, C. D. *Pesquisando....* Guia de metodologia de pesquisa para programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1999.

ZOTTI, S.A. Sociedade, educação e currículo no Brasil. Dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: autores associados, 2004.